

A ARTE DA PESQUISA SOCIAL
E O PESQUISADOR

MANUEL
DIÉGUES
JÚNIOR

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA
PROGRAMA DE AÇÃO CULTURAL
INSTITUTO JOAQUIM NABUCO DE PESQUISAS SOCIAIS
II CURSO DE TÉCNICAS EM PESQUISA SOCIAL
A ARTE DA PESQUISA SOCIAL E O PESQUISADOR

Manuel Diégues Júnior

Menos às eminentes figuras do que Pernambuco tem de melhor - mestres eminentes, alguns velhos companheiros de pesquisas e estudos neste mesmo Recife - que me honram com sua presença, que aos que vieram, estudantes e pesquisadores, participar com entusiasmo deste curso, dirijo minhas palavras desta tarde. Palavras menos de uma autoridade que de um que se considera experimentado trabalhador; palavras talvez de experiência e não de erudição. Se a uns, os mestres aqui presentes, rondo a homenagem de meu reconhecimento pela honra de prestigiarem este encontro - talvez, melhor, um reencontro, pelos amigos e companheiros que aqui revejo - aos outros, os jovens estudantes voltados para a pesquisa social, interessados no aperfeiçoar seus conhecimentos, expresse igual agradecimento pelo interesse de acompanharem este curso. Para um já velho pesquisador, que encontrou nos estudos sociais como que o rumo de seu destino, nada mais grato, nenhuma alegria maior, que encontrar tantos moços de olhar aberto e de inteligência voltada para o estudo, preparando-se para a atividade árdua, mas entusiasmadora, da pesquisa social.

Meu muito obrigado aos mestres e companheiros ; também meu reconhecimento às autoridades que aqui vieram para o prestígio desta reunião; meu afeto aos jovens que procuram abrir horizontes novos para seu trabalho de pesquisador social.

A nenhum de nós é estranha, ou pode ser estranha, a observação de que na pesquisa social há que acentuar-se, antes de tudo, o que nela existe de arte. Talvez mais propriamente de arte que do emprego frio de uma técnica ou o conhecimento aprofundado de um método. É que na pesquisa social nem sempre podemos isolar uma disciplina, e nela baseada realizar o trabalho. A arte da pesquisa social talvez se enriqueça justamente nisso: fazer da pesquisa social uma arte.

Cabe reconhecer que há relação não apenas íntima, mas sobretudo essencial, entre as disciplinas que estudam o homem; e daí, sob um aspecto, a arte de saber relacioná-las na pesquisa, ou, quando menos, no planejamento do que se deseja fazer. De fato, há nestas disciplinas tal aproximação que a rigor não se isolam: interligam-se; não se ignoram: completam-se; não se distanciam: interpenetram-se. Daí o destaque que vem sendo dado, em nossos dias, à pesquisa interdisciplinar e não apenas à pesquisa multidisciplinar. Cada vez mais as disciplinas sociais ou humanas se interpenetram no reconhecimento, hoje suficientemente científico, da unidade do homem - do homem considerado temporal ou especialmente como ser físico, pela natureza de sua individualidade, e como ser social, pelo condicionamento cultural do ambiente em que vive e forma sua personalidade. E mais: unidade que ressalta essencialmente o seu espírito criador transformando o espaço para criar a sua vivência no tempo.

No que poderíamos encontrar, ainda aí, a arte da pesquisa social. O pesquisador não pode isolar-se na dimensão histórica; nem pode ignorar a contribuição que a Antropologia ou a Sociologia ou outras disciplinas igualmente sociais ou humanas lhe podem oferecer. E mais: há a recíproca - a pesquisa antropológica ou sociológica não dispensa a contribuição que o conhecimento histórico lhe pode dar.

Afinal de contas, a pesquisa social - dentro da visão histórica, ou pela análise antropológica, ou pelo disciplinamento sociológico - é sempre, pelo que o pesquisador seja capaz de fazer, uma arte. Sempre uma arte. Uma arte em que o pesquisador social oferece tudo de seu espírito criador, e não apenas de seu conhecimento científico, não inventando, mas interpretando as peculiaridades do fato pesquisado; uma arte ainda pela maneira de tratar o objeto ou pela atenção que dá ao assunto.

Uma arte, também, pelo carinho com que deve usar seu instrumental e pela maneira como tratar o fato pesquisado. A pesquisa constitui sempre esta arte - arte em que mais que o próprio saber, ou os saberes utilizados, predomina a acuidade

pessoal, a personalidade criadora e sobretudo a expressão com que se constrói uma idéia. E uma idéia é sempre uma arte; pelo menos a arte de saber apresentá-la. E usá-la.

Da outra parte, cabe considerar a maneira de ver o fato em observação, sobretudo sentindo ou compreendendo que o fato observado nunca está solto no espaço, isolado ou abandonado. Está sempre relacionado com outros fatos. Quando se trata de fato social, que é sempre uma parte, um elemento, uma parcela de um conjunto, ainda mais ressalta. O social é, aliás, já por si mesmo um todo; o econômico ou o político, o religioso ou o doméstico, não existem independentemente ou sozinhos, embora possam ser isolados para fins analíticos, mas socialmente interligados, superpostos, unidos, não como grupo em contato, mas como integração da própria vivência humana. Vivência em sociedade, em particular.

Lembro, por oportuno, uma observação de meu saudoso amigo Jorge Dias; com uma ampla visão humanística do estudo social, lembrou, em um de seus ensaios, que o homem, como fenômeno humano, é múltiplo e variável, embora um todo complexo formado de inúmeras facetas a serem analisadas uma a uma e em seu conjunto. O que nos leva a considerar que, em nenhum estudo - e sobretudo em estudo social - o homem pode ser fixado apenas em sua época; ou em sua situação temporal. Na realidade, porque é múltiplo e, ao mesmo tempo, complexo, não pode o homem ser ignorado em suas outras dimensões tão associadas elas se apresentam para formar aquilo que ele exatamente e integralmente é: uma unidade.

Daí não se poder esquecer ou desprezar esta relação entre os fatos humanos, na complexidade do que é o homem, na variedade de suas facetas. Nenhum acontecimento - nem mesmo o acontecimento chamado histórico - é único. Produziu-se em relacionamento com outros, com outras atitudes, com contatos que muitas vezes parecem superficiais e quando menos inexistentes; na realidade, produziram e construíram o fato que passa a ser histórico. E como histórico enquadrado no tempo e como reflexo do espaço onde se produziu. O que leva, assim, a arte da pesquisa a ser também uma arte de perícia: da boa perícia na obser

vação. O pesquisador social se torna um peixe de certo modo como o jornalista, como o detetive, como o plantador de semente. Sobretudo como o clínico, e não o especialista. O clínico capaz de ter a perspicácia de ir a todos os aspectos no tema ou no campo de sua investigação, para melhor identificar o relacionamento existente; e não de deter-se num aspecto e nele aprofundar-se, esquecendo a relação deste aspecto com outros aspectos da vivência social.

Não ser o especialista que só vê o que lhe interessa como que isolando dos outros aspectos que compõem o todo social. Mas ser o clínico capaz de conhecer todo o conjunto e diagnosticar o organismo social sem prejuízo - é evidente - de identificar a parte doente. Ou a moléstia que atinge um aspecto social, mas que pode alastrar-se aos outros aspectos do conjunto. Da sociedade ou do humano que constitui a vida social.

Onde se conclui que na pesquisa social, compreendendo o que é histórico, o que é antropológico, o que é econômico, o que é sociológico, por exemplo, nada é simplista. Nem simplista, como que inocente de seu próprio ambiente, pode ser o pesquisador social.

Dá outra maneira de encarar o que há de importante na pesquisa social para o pesquisador. Não se formou ainda entre nós uma tradição fortemente prestigiadora da pesquisa social. Quando se fala em pesquisa científica, quase sempre, ou sempre, se refere tão só ao campo das ciências físicas e naturais, também chamadas ciências exatas. Estas cresceram em prestígio com o desenvolvimento da tecnologia, quando se perdeu de vista o elemento fundamental no próprio contexto tecnológico, que é o homem.

A carência desta tradição em pesquisa social fez mesmo com que ela seja mais individualizada que associada; com ela, procura-se antes o encontro de uma solução imediata que a prática desinteressada ou a experiência aplicada visando a alcançarem-se certos princípios. De modo particular, pode-se dizer que a pesquisa social, não tendo criado ainda uma tradição,

não consegue resolver problemas ou situações, embora possa indicar ou sugerir o que se deve fazer para essa solução.

Se não temos ainda uma pesquisa social tradicionalizada, é, conseqüentemente, com ambiente prestigiado e seu maior desenvolvimento, muito menor é a tradição de pesquisa interdisciplinar. Aliás, esta carece de tradição, porque, a rigor, ainda não se criou hábito de praticá-la no Brasil. Se a própria pesquisa social, desinteressada, acadêmica, objetiva, ainda não criou o seu necessário ambiente, e não raro até se tornou suspeita, a pesquisa interdisciplinar tem existência precária; ou melhor, praticamente não existe*, muito embora já se pratique a pesquisa multidisciplinar. É que a pesquisa interdisciplinar, tal como deve ser, tal como é necessário realizá-la, tal ainda como são suas normas e seus preceitos, exige dos pesquisadores um entrelaçamento estreito, uma renúncia a métodos próprios, a fim de conjugarem numa técnica única as diferentes especialidades.

Esta existência ainda precária da pesquisa interdisciplinar, que reflete, em parte, a própria precariedade, entre nós, da pesquisa social em geral, evidencia a existência de numerosos problemas que, envolvendo o próprio pesquisador social, contribuem para que não exista ainda uma experiência capaz de ser indicada ou sugerida como exemplo do que se deve fazer ou do que não se deve fazer.

Estamos falando do caso do Brasil. Não falamos em tese, como um princípio; mas especificadamente nos voltamos para o caso brasileiro. A pesquisa social entre nós é relativamente recente, ao contrário da pesquisa em ciências físicas e naturais que já criou uma tradição, inclusive de prestígio internacional, como testemunham o Instituto Osvaldo Cruz ou o Instituto Butantã, para nos limitarmos a esses exemplos.

Não é de hoje a idéia de que, na arte da pesquisa social, se inclui o indispensável relacionamento das disciplinas consideradas ou chamadas sociais; é um conceito que já encontramos entre idéias não de hoje, mas representativas de um pensamento social no Brasil, anterior ao nosso tempo.

Creio que poderíamos retroceder tal iniciativa, na época então pioneira, em idéias de Sílvio Romero; em 1880, em sua

* Leia-se "Prefácio" do sociólogo Gilberto Freyre, em anexo, publicado em INSTITUTO JOAQUIM NABUCO DE PESQUISAS SOCIAIS. I Encontro Interregional de Cientistas Sociais do Brasil. Recife/IJNPS/Conselho Federal de Cultura, 1974 - 214 páginas.

lora sobre "Interpretação Filosófica dos Fatos Históricos", mostrava Sílvio Romero clara tendência para estabelecer o relacionamento entre sociedade e cultura, isto é, o fato histórico não isolado dos elementos que o criaram, nem separado das condições da sociedade em que aparece. Saliente-se que àquela altura - 1933 - o conceito de cultura, no que hoje consideramos em sentido antropológico ou sociológico, fora lançado por Tylor constituindo-se uma quase novidade de nove anos apenas. Quase ignorado o conceito; ainda não devidamente aceito como valor científico. Pelo menos, para a ciência de então.

Depois de Sílvio Romero é evidente que em outros autores a reflexão sobre este relacionamento estende-se, aprofundando-se, cientificamente aceita. Em parte é o que fez Euclides de Cunha com Os Sertões; o que faria, também em parte, Raquette Pinto ao estudar o indígena brasileiro; e antes dos dois, já então com algum pioneirismo, embora nem sempre reconhecido, Nina Rodrigues ao estudar aspectos psíquicos e religiosos do elemento negro no Brasil. O que iria - este relacionamento de estudo histórico com o elemento antropológico, sociológico e ecológico - tornar-se fundamental em obra que, pela natureza em que situou este relacionamento, se tornaria marco básico nos estudos sociais no Brasil: Casa-Grande & Senzala.

É com esta obra, aparecida em 1933, que Gilberto Freyre assinalou a importância de revestir o estudo histórico não isolado do que representa cultural ou socialmente o homem fazendo da história; no caso, do homem surgido no Brasil, pela fusão de representantes de três grupos étnicos, num meio ecológico que se caracterizava pela influência de condições tropicais - de um trópico seco, o do Nordeste litorâneo, que com a expansão de povoamento se alongou a outro trópico - o trópico úmido da Amazônia.

Parece-nos que devemos fixar em Casa-Grande & Senzala a experiência de uma pesquisa histórica não alongada, mas envolvida, nos valores culturais e num quadro social produzidos, aqueles e este, pelo relacionamento através do tempo entre homens, culturalmente diversos, que se reuniram no território brasileiro, a partir da primeira metade do século XVI. Obra que,

se abriu esta experiência nos próprios estudos históricos no Brasil, representou também um momento de formação nos estudos sociais no Brasil: formação que permite dizer que estes estudos entre nós se assinalam como antes e depois de Casa Grande & Senzala.

Apesar de todo o pioneirismo desta obra, apesar do marco que ela representa, apesar da influência exercida por Casa Grande & Senzala, apesar de tudo isto, afigura-se-me que o ponto mais significativo deste relacionamento - o da pesquisa histórica com os aspectos ecológicos, antropológicos e sociológicos - está não em Casa Grande & Senzala, mas em Sobrados e Mucambos. Gilberto Freyre situa nesta obra os primeiros elementos de sua tropicologia, não restritamente lusotropicologia ou iberotropicologia, mas exatamente a tropicologia do tempo histórico na sua expressão social, na sua significação ecológica - e sobretudo no assentar o que caracteriza, os valores culturais e sociais, o tempo histórico de um período também histórico: o da transição do Brasil colônia para o Brasil independente; o do Brasil vicerinado para o Brasil Império; o do Brasil rural para o Brasil urbano.

Chagaria aqui a um quase devaneio em assunto que não estaria muito fora do nosso tema: a Tropicologia - deve acrescentar - seria não apenas um campo, mas essencialmente uma disciplina, em que este relacionamento se situa de maneira precisa. Porque como tropicologia não se restringiria este estudo a um aspecto, mais especificamente ao homem situado, em face das influências históricas, culturais, sociais, num envolvimento caracteristicamente ecológico: o tempo histórico situado no tempo ecológico, que por sua vez seria o produto da vivência do homem em seu tempo social. Em resumo: o homem integralmente conhecido e compreendido no papel de criador de cultura num meio que ele constrói fazendo o seu ambiente. O homem temporamente ecológico; o homem ecológico criador.

Não é outra - creio - a idéia básica, o fundamento essencial, da Tropicologia, no sentido em que Gilberto Freyre, mestre maior de todos nós, a criou, como conceito, e não apenas como disciplina, para o estudo do homem situado. É sobretudo a experiência deste viver do homem que a Tropicologia ou, no nosso

caso, o lusotropicalismo, pode indicar. Não faz muito tempo o mestre sempre admirável e já hoje em nossa saudada Roger Basti - de, salientava importante para o estudo do processo de aculturação nos trópicos o exemplo do contato ou, melhor, de relações do luso com populações ameríndias, africanas ou asiáticas, como padrão ou modelo de integração entre grupos diferentes. Nela, no luso tropicalismo e não na estreita idéia, talvez puramente política, de negritude, encontrava o mestre francês a verdadeira pologia da dupla integração ou amálgama, ou seja de culturas possivelmente "marginais" em relação às vezes à cultura ocidental ou às culturas indígenas.

Se me permite pedir atenção para este ponto - o de Tropiologia - é que para os estudantes deste curso se trata de temas relevantes, se considerarmos a nossa região - o Norte e o Nordeste do Brasil - em que a pesquisa social tem, e se - brado deve, de levar em conta justamente esta situação natural. A vivência da nossa gente, no Norte e no Nordeste, está marcada pela influência tropical, o que quer dizer um condicionamento que ressalta, nesta pesquisa, o papel do homem situado.

De modo que se colocamos o elemento essencial que nos permite situar o homem como centro de pesquisa; é que não vive ele isolado numa ou noutra das dimensões já referidas, mas ao contrário integrado, no tempo e na cultura, no espaço e na sociedade, na criação e na participação, como uma só unidade. É isto porque nenhum fato, na vida do homem ou na sociedade, é isolado; está sempre relacionado com outros; participa de uma conjugação em que facetas diversas devem ser estudadas e observadas. Resulta daí observarmos - e insistamos neste ponto - que mesmo a pesquisa histórica não isola, nem pode isolar, o fato em si próprio. Antes, deve relacionar este fato com outros fatos, e estabelecer no quadro da sociedade em que se manifestam estes fatos, a totalidade do comportamento humano - o que quer dizer : a própria vida em sociedade.

Do que até aqui tenho tentado expor, evidencia-se que os problemas que envolvem a pesquisa social são numerosos. O primeiro deles: a situação do próprio pesquisador social. Não

Não temos ainda devidamente sedimentada formação do pesquisador. A partir da década de 30 quando se criaram os primeiros núcleos de ensino superior em ciências sociais, no Rio de Janeiro e em São Paulo, ensina-se a metodologia e técnica de pesquisa, mas não se aplica na prática, com a obrigatoriedade necessária, o conhecimento adquirido. O estudante aprende os métodos teoricamente, sabe as técnicas e o que representam, mas não é levado ao campo para aplicar os conhecimentos adquiridos através da exposição de professores.

A esta carência de formação do pesquisador, outro problema há a acrescentar, em parte dela mesmo decorrente: a falta de pesquisadores experimentados. Quer dizer, quando se planeja uma pesquisa social, é difícil encontrar pessoal já apto para o trabalho de campo. O primeiro passo então é preparar o pessoal necessário, de certo modo quase sumariamente, ou apressadamente, embora em condições que permitam a execução da tarefa da melhor maneira, e até certo ponto mais rapidamente, tendo em vista as próprias condições de pesquisa. É certo que hoje existem, não apenas em Universidades cursos de metodologia e técnica de pesquisa, mas nem sempre oferecem a aplicação prática.

Um terceiro problema deve ainda ser referido: o da própria natureza da pesquisa. Nem sempre é possível fazer a pesquisa de maneira acadêmica, isto é, sob dupla perspectiva: treinamento e formação do pessoal e obtenção do conhecimento de uma realidade objetiva a ser analisada sob diferentes ângulos. É a chamada pesquisa acadêmica ou desinteressada que seria justamente a função realizadora das Universidades. Ao contrário, o que sempre interessa, ou o que procura fazer-se, é a pesquisa chamada aplicada ou orientada, isto é, cujo objetivo é conhecer um problema antecipadamente tratado a fim de que se obtenham elementos válidos para aplicação futura de soluções políticas ou administrativas. É o que se tem desenvolvido sobretudo com os problemas de planejamento, quando as pesquisas sociais objetivam o encontro de determinados aspectos de uma realidade. Não é desinteressada no sentido de que esta visa antes a abordagem de uma situação com treinamento e formação do pessoal, e com a revelação do que é o elemento estudado.

Perdoai-me, meus caros estudantes pesquisadores, se não vos falei "com o prestígio de eloquência ou de sabedoria", de que se ressentia São Paulo ao dirigir-se aos Coríntios (2,1)

Preferi antes a linguagem um tanto da experiência, um tanto do conselho, para quem, já nesta idade chamada provecta, pode falar de suas observações ou de sua vivência na área que nos interessa a todos nós.

Talvez muitos dos problemas que procuramos focalizar, ou alguns dos aspectos que tentamos projetar, possam merecer a atenção dos que fazem este curso, no quadro sempre fecundo de iniciativas do Instituto que traz o nome de um dos maiores pesquisadores sociais do Brasil, pensador que se não fez pesquisa social, como hoje a entendemos, toda sua obra é como que o resultado de observação social, com aquela admirável arte com que trata os problemas: arte de estudar estes problemas, arte de escrever sobre estes problemas.

Instituto, o Joaquim Nabuco, a que também estou ligado desde suas origens que acompanhei de perto, vendo Gilberto Freyre preparar, em casa excelentemente acolhedora de Betofogo, o projeto de Lei, de que resultou a sua criação; e a cuja existência tenho estado sempre próximo, não raro participando de seus projetos, mas sempre conhecendo o que realiza no estudo e no conhecimento da região a que serve.

Espero que os participantes do Curso, que hoje se inaugura, compreendam a importância desta iniciativa, saibam usá-lo como instrumento para uma preparação adequada na realização futura da pesquisa social. E que aqui possam deste curso participar não apenas com a arte de aprender a pesquisa e saber aplicá-la, mas sobretudo com a arte de compreender que, como país ainda novo, em pleno processo de transformação, o Brasil necessita de ter seus problemas conhecidos pelo que a pesquisa social possa oferecer.

Sobretudo com o conhecimento do homem. Do homem que é, sem dúvida, o mais importante elemento, senão mesmo o ponto de referência, da pesquisa social; dele é o centro, e para ele é que ela deve dirigir-se. Porque não seria estranho dizer

que o homem é feito naturalmente para pesquisar o próprio homem. É daí o papel mais importante do pesquisador social: a arte de pesquisar e estudar o homem no seu ambiente, no seu viver, no seu comportamento.

É que esta pesquisa, pesquisa feita com amor e com paixão, seja realizada com a arte de saber amar: amar o homem em seu meio, em sua sociedade, no que ele é, como ser essencialmente múltiplo, variável, complexo, na unidade admirável de sua criação.

Manoel Delfino Junior

Palavra lida no Instituto Jorgel: Núcleo de Pesquisas
Sociais, inaugurando o curso de Técnico de Pesquisas Sociais,
em 2 de maio de 1975

MDJ/RA.

P R E F Á C I O

A iniciativa de promover encontros interregionais de ciências sociais do nosso País está entre as mais felizes que assinalam a atividade renovadora da atual direção executiva do Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais. É uma iniciativa - desenvolvida de acordo com a sugestão do Sociólogo Renato Campos - que corresponde a uma realidade brasileira que não deveria ser esquecida nunca: a de que, com a sua vastidão continental, o Brasil é constituído por um conjunto de regiões necessitadas de se conhecerem cada vez mais, para cada vez mais se completarem.

É bom que se acentue o caráter interregional dos encontros porque, acentuando-o, acentua-se uma dinâmica. O regional por si só pode levar à segregação. O interregional é por definição contrário ao que possa haver de segregacionista nas relações que formam um vasto complexo nacional como é o caso do Brasil.

Lembrando-se de que o seu país nem é monoliticamente um só nem separadamente diverso o brasileiro se torna consciente de que, seja qual for o setor a que se aplique o critério interregional, essa aplicação implica numa dinâmica. É o que acontece aos estudos sociais brasileiros quando são considerados interregionais. É no que os encontros desse caráter programados pelo Instituto Joaquim Nabuco começam a resultar: numa maior dinamização desses estudos que implica numa sua maior integração ou complementação.

O encontro realizado em Fazenda Nova - que foi pioneiro, no Brasil, reunindo, em torno de problemas brasileiros de interesse comum para os cultores das Ciências Sociais, cientistas ilustres ao mesmo tempo das várias regiões do país e das diferentes áreas de especialização das mesmas Ciências - tornou evidente, para quantos participaram de suas reuniões memoráveis, que não se tratava de um luxo intelectual; e sim de uma necessidade para a integração das mesmas Ciências, tão diversas, em suas metodologias e em seus objetivos, numa aplicação combinada e sistemática à realidade brasileira. Tanto ao que há de nacionalmente uno como de regionalmente diverso nessa densa realidade, rebelde a simplificações arbitrárias mas como que sequiosa de harmonizações cientificamente válidas.

Esse novo pioneirismo brasileiro, de que teve a oportuna iniciativa o Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais, se junta a outro, já antigo no País, e de que o Brasil está sendo reconhecido pela melhor crítica estrangeira especializada no trato de assuntos sociais, o pioneiro absoluto. Pois foi o Brasil que o inaugurou, segundo um desses críticos autorizados, o inglês Christopher Roper, no mundo moderno (Revista New Society - Londres - 1972). Inaugurou-o, contrariando tendência até então dominante nos mesmos estudos, para o especialismo exagerado e, por vezes, sectário, na sua maneira de ser segregador. É claro que se trata do critério que vem sendo denominado interdisciplinar e que no Brasil madrugou já há dezenas de anos sob a denominação de interrelacionista. Foi então impugnado dentro e fora do Brasil - principalmente nos Estados Unidos - por ortodoxos daqueles especialismos. Impugnado, criticado, considerado anti-científico por alguns.

Hoje é um critério triunfante. Plenamente triunfante. O especialista fechado de todo na sua especialidade de estudo social - seja ela a Economia, ou a Antropologia, a Sociologia ou a Psicologia - é figura crescentemente arcaica. Quase não há obra de substância, dentre as modernas criações de cientistas sociais, a que falte o critério interdisciplinar. Pois é bom que se saiba que, segundo aquele crítico inglês, nesse critério revolucionário de métodos de abordagem de assuntos complexos, o Brasil antecipou-se a países europeus e americanos, por, pelo menos, vinte anos. Bom também que se acentue ter ele partido, no Brasil, do mesmo Recife no qual surgiria com outros arrojos inovadores o Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais.

O critério interregional no trato científico e, ao mesmo tempo humanístico, de problemas nacionais do Brasil marca, de modo extensivo, desde o Encontro de Fazenda Nova, nova vitória brasileira. E, dentro do Brasil, daquele ânimo caracteristicamente recifense que vem sendo o ânimo renovador tão dos seus mais castiços intelectuais preocupados com problemas sociais: um Abreu e Lima, um Antônio Pedro de Figueiredo, um Tobias Barreto, um João Vieira, um Clóvis Beviláqua, um Graça Aranha, um Joaquim Nabuco, um Oliveira Lima, um Martins Júnior, um Artur Orlando, um Augusto dos Anjos, um Alfredo de Carvalho, um Ulysses Pernambucano, um Andrade BEzerra, um Gilberto Amado, um Pontes de Miranda, um Assis Chateaubriand, um Josué de Castro, um Vicente do Rego Monteiro.

Não só Christopher Roper destacou ter havido pioneirismo no Brasil com relação a pesquisas não só abrangentes (multidisciplinares) porém especificamente interdisciplinares: o método de uma ciência especial penetrado por outro. Também o crítico igualmente inglês, Gilbert Phelps em conferência na famosa BBC de Londres, depois resumida pela Revista The Listener, de fevereiro de 1972, destacou o fato, citando o emprego, já há anos, por cientistas sociais do Brasil daqueles métodos interpenetrados, por conseguinte interdisciplinares, tais como o da "sociologia genética" (ou histórica) e da "sociologia psicológica", além do histórico alongado em antropológico. Referiu-se a antecipações, nesse interdisciplinismo, que, pelos próprios antecipadores, vinham sendo comparadas às de Picasso, interdisciplinar nos métodos que usava interpenetrantemente como pintor complexo. E concluiu que tal interdisciplinismo vinha operando no Brasil de "modo soberbo" ("suberbly").

São várias as pesquisas sociais interdisciplinares já realizadas pelo Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais, podendo ser citadas: Diagnóstico Socioeconômico do Vale do Parnaíba; Hábitos de Consumo de Energia Elétrica no Brasil; Sistema Cooperativista do Nordeste; Levantamento Socioeconômico em Áreas do Baixo e Médio São Francisco, entre outras.